

Questão social divide bispos

Incidentes de Porto Seguro provocam divergências na assembleia da CNBB

BORGES NETO

Fernando Bizerra Jr. - 27/8/1999

PORTO SEGURO, BA - Se a simples elaboração de uma carta custou tanta discussão e quatro versões para chegar ao texto final, os bispos da Igreja católica, que estiveram reunidos até o dia 3 passado em Porto Seguro (BA), até podem orgulhar-se de sua unidade no campo da fé e na missão apostólica. Mas, na prática, certamente ainda têm muito caminho para andar.

Mesmo provocando os jornalistas, no fim da 38ª Assembleia Geral da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), quatro dias atrás, para que apontassem um episcopado de qualquer parte do mundo tão unido como o brasileiro - que tem 323 bispos, arcebispos, auxiliares e coadjutores -, o presidente da CNBB, Dom Jayme Chemello, não teve como negar: "São muitas e grandes as diferenças regionais, e isso forçosamente determina em nossos bispos modos muito diferentes de ver as coisas".

Na teoria - Participante da assembleia de Porto Seguro, iniciada em 26 de abril, o bispo de Viana (MA), Dom Xavier Gilles de Maupeou d'Ableiges, concorda com Dom Jayme. "Só na teoria e em matéria estritamente religiosa os bispos estão unidos", reconhece.

Segundo Dom Xavier, francês de 65 anos que nos anos 50 lutou ao lado dos guerrilheiros na independência da Argélia, então colônia do seu país, e quase perdeu o braço direito, "os bispos dão exemplo de inegável vigor espiritual e muita unidade na hora de celebrar missa, mas, quando precisam se pronunciar sobre fatos



Dom Jayme admite opiniões divergentes e diz que resultam de diferenças regionais entre bispos

concretos, as divergências são grandes demais".

O prelado francês, que chegou ao Brasil em 1962 e daqui, afirma, não pretende sair mais, estabelece uma clara divisão dos bispos brasileiros, quando comenta a celebração eucarística para a abertura da assembleia em Coroa Vermelha, a 18 quilômetros de Porto Seguro, no dia 26 de abril, em comemoração à primeira missa do Brasil.

Segundo Dom Xavier, descendente do chanceler Maupeou - ministro do rei Luís XV - a chegada dos índios com uma faixa

preta, em protesto contra os maus-tratos sofridos quatro dias antes no choque com a polícia, provou mal-estar entre os que rodeavam o altar onde estava sendo celebrada missa com toda a pompa.

Pataxós - O discurso de protesto que Matalauê, jovem líder pataxó, fez em seguida ao rito penitencial de forma extremamente irada, do alto do ambão, foi considerado quase um sacrilégio. Para alguns bispos, os pataxós fizeram "uma afronta" ao legado pontifício, cardeal Ângelo Sodano, que presidia a celebração.

O bispo de Viana, contudo, não

apenas considera a demonstração dos pataxós "perfeitamente legítima e válida", como critica a reação do cardeal Sodano, que, no semblante carregado, deixou evidente sua insatisfação com o discurso de Matalauê.

"Aposto que, se no lugar dele, estivesse o papa João Paulo II, este teria descido do altar para abraçar o pataxó e até seria capaz de deixar pintar seu rosto", diz Dom Xavier. Segundo o bispo francês, quando o cardeal Sodano mostrou desagrado com o discurso do pataxó Matalauê, "deixou de ser legado pontifício".

Documento reflete antagonismo

PORTO SEGURO, BA - A carta *Brasil 500 anos/Diálogo e esperança*, principal documento aprovado por mais de 300 bispos reunidos em Porto Seguro, demonstra a falta de unidade da Igreja diante da realidade social. Dom Xavier, que já fez parte da Comissão Pastoral da Terra, da CNBB, criticou a exclusão do desemprego e da reforma agrária, que apareciam na versão preliminar e foram excluídos da versão final do documento.

O bispo de Viana diz que, "enquanto uns bispos gostariam de ver condenadas a repressão aos índios e certas agressões aos sem-terra como exemplos de violência inadmissível, outros se escusam, alegando que não têm todos os dados necessários para se pronunciar".

Dom Xavier critica também a omissão a respeito do aumento do salário mínimo de R\$ 136 para R\$ 151. "Os bispos estão todos unidos e de perfeito acordo ao falarem de justiça social e de espírito fraternal mas, quando se

lhes apresenta um caso concreto, já não se entendem", afirma.

Salários - O bispo de Viana diz que, enquanto o governo fixava o salário mínimo em R\$ 151, o Congresso discutia o teto salarial dos juizes e desembargadores, que tem valor quase 100 vezes maior: "Uns bispos concordam que isso é um escândalo, mas outros se acomodam, dizendo que não dispõem de todos os elementos para se pronunciar", lamenta.

Por causa do seu porte, alto e magro, Dom Xavier chegou a ser confundido com o capitão Carlos Lamarca, militar que desertou do Exército e participou da guerrilha urbana na ditadura. Foi preso em 1970 por ordem do então superintendente da Polícia Federal no Maranhão, João Batista Campelo, e só não foi torturado porque é francês e isso poderia criar um incidente diplomático.

Apesar de ter escapado da tortura, o bispo francês sofreu de novas humilhações. Por causa da participação na guerra da Argélia

foi acusado de atividades subversivas no município de Urbano Santos (MA), interior do Maranhão, onde era missionário.

A lembrança do que sofreu na Argélia e no Brasil, entretanto, não impediu Dom Xavier de relatar os fatos de forma tranquila. Ele desabafa: "Não são essas coisas que me fazem sofrer tanto, mas, justamente, essa Igreja que tem medo de denunciar as injustiças e tomar partido ao lado dos mais fracos".

A visão de Dom Xavier é compartilhada pelo bispo do Xingu, Dom Erwin Kräutler, religioso de origem austríaca que trabalha com índios e lavradores do Sul do Pará. Depois de recordar as muitas dificuldades para se chegar ao texto final da carta - aprovada por 236 votos contra apenas um -, Dom Erwin, 60 anos, diz que chegou a temer que o documento do encontro realizado pela CNBB em Porto Seguro acabasse não saindo.

Apesar de se declarar satisfeito com a versão aprovada pe-

los bispos, por ter, segundo diz, "coisa nova e muito oportuna", Dom Erwin não poupa os colegas de episcopado. "Tem bispos que sentem verdadeira ojeriza à qualquer tipo de denúncia e defesa dos injustiçados. Não gostam de navegar em águas misturadas com o campo social", critica o bispo do Xingu.

"Negativismo" - Já o bispo emérito de Iperameri (GO) e auxiliar de Uberlândia (MG), Dom Tarcísio Batista Lopes, 62 anos, explica que as discussões para que se chegasse à versão final do documento eram mais do que necessárias. "A primeira versão foi sobretudo uma análise da conjuntura, eivada de muito negativismo, invasões e quase só voltada para o lado sombrio da nossa história", alega.

"Coisas assim", continua Dom Tarcísio, "não são da alçada da Igreja e aquilo de que nós todos, bispos e povo de Deus, estamos mais precisados é de uma mensagem de esperança". (B.N.)

Carta propõe abertura de diálogo

PORTO SEGURO, BA - Iniciada em outubro do ano passado na forma de anteprojeto, a carta que os bispos lançaram no encerramento da assembleia anual realizada em Porto Seguro perdeu duas das 15 páginas do anteprojeto, mas ganhou ingredientes novos que dão o tempero de um documento tipicamente pastoral. Pela primeira vez em 48 anos de história, a CNBB lança um documento sem a pretensão de ser palavra definitiva. "O que estamos entregando às nossas comunidades e a toda a sociedade brasileira é uma carta, como faziam os apóstolos, na esperança de um retorno. Por isso, ela quer ser o princípio de um diálogo", afirmou o presidente da CNBB e bispo de Pelotas (RS), Dom Jayme Chemello.

O documento reconhece, logo no início, que "o diálogo não é fácil, como ficou evidente nas próprias celebrações dos 500 anos".

Os autores ressaltam que esperam "contribuir para maior proximidade entre as diversas populações, culturas e religiões, entre o Estado e o povo, entre as elites e as massas, entre tradições e comportamentos do passado e as aspirações que emergem, principalmente na juventude".

Aborto - O item 45, que não constava no anteprojeto, condena o aborto: "A garantia de vida deve começar desde a infância, se não quisermos comprometer o futuro. Propomos aos governos e à sociedade a realização de grande mutirão para assegurar vida com dignidade e esperança a todas as crianças, revertendo o quadro inaceitável de desnutrição, trabalho infantil e falta de educação básica".

A versão final introduziu uma nota de condenação do casamento entre homossexuais. Segundo os bispos, "o fortalecimento da consciência precisa, necessaria-

mente, atingir as dimensões pessoais e familiares, como o fortalecimento da sacralidade do casamento que, por iniciativa divina, acontece entre um homem e uma mulher".

Esperada como histórico documento em que a Igreja pediria perdão aos negros e índios por erros cometidos na colonização, a carta dedica ao tema só dois dos seus 81 itens. Diz o primeiro: "Não obstante muitos aspectos positivos do passado, ficaram marcas negativas, fruto também de erros dos cristãos. Sem pretender culpar nossos antepassados, sentimos a necessidade de pedir perdão daquilo que objetivamente foi contra o Evangelho e feriu gravemente a dignidade humana e muitos irmãos e irmãs nossos. Aos índios foram tiradas as terras, a vida e até mesmo a razão de viver. Aos negros foi violentada a liberdade e dificultada a conservação de sua cultura e memória e até hoje não

lhes foi restituída a condição da plena cidadania. (...) Esta população pobre, juntamente com índios e negros, é credora de uma imensa dívida social, acumulada durante os séculos da formação de nosso povo".

O documento não menciona os judeus, a respeito dos quais existem mais de 400 dossiês inquisitoriais na Torre do Tombo, em Portugal. "Foi uma falha", diz o bispo do Xingu, Dom Erwin Kräutler.

Autores - Os autores do anteprojeto da carta são o cardeal-arcebispo de Aparecida (SP), Dom Aloísio Lorscheider; arcebispo de Mariana (MG), Dom Luciano Mendes de Almeida; vice-presidente da CNBB e arcebispo de João Pessoa (PB), Dom Marcelo Pinto Carvalheira; e os padres Manoel Godoy (assessor da CNBB), Alberto Antoniazzi (PUC de Belo Horizonte) e Mário de França Miranda (PUC do Rio de Janeiro). (B.N.)